

A fé de cada um – os dois lados de Fátima

Cristiane Pimentel Neder*

A fé de cada um (Portugal, 2004, 57 min.)

Diretor e roteiro: Neni Glock

Montagem: Neni Glock, André Bessa

Som: André Bessa

Produtores: Berlindes, Tamarindo Filmes



O documentário *A fé de cada um* faz uma crítica a idolatria exagerada dos fiéis ao santuário de Fátima falando que a única criatura capaz de se sentir honrada com multidões e multidões que andam de joelhos que torturam o seu próprio corpo e arruinam a própria a saúde é a Besta do Apocalipse.

O Padre Mario de Oliveira o narrador principal do documentário; fala que é um padre católico muito protestante, no sentido que ele é um padre contestador, questionador. Define bem a postura dele no interior da Igreja, por ter uma opinião periférica e por não ter idolatria. O interessante é que ele é um padre carismático, querido e amado em toda a comunidade mesmo sendo revolucionário e questionando os próprios dogmas do catolicismo.

* Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Departamento de Línguas, Letras, Comunicação e Artes, Curso de Graduação em Comunicação Social. 38200-000, Frutal - Minas Gerais, Brasil. E-mail: nederescritora@hotmail.com

No documentário mostram pessoas cantando: “Guiado pela mão com Jesus eu vou, pra onde eu vá”. Uma canção que demonstra uma fé cega, uma fé dogmática, onde as pessoas podem ir para qualquer direção, em nome de um salvador. O documentário mostra como as pessoas se entregam a uma catarse coletiva, estão todas buscando a purificação do espírito através de uma peregrinação que as castiga. A peregrinação é espetáculo trágico, onde elas sentem dores no corpo, onde se mostram cansadas, mas não desistem para agradar Fátima e a Deus, mas em contradição não tem piedade delas próprias.

O documentário mostra como a fé é benéfica, mas ao mesmo tempo maligna, como a fé pode curar, mas também é doentia. Como a fé é pode ser um veneno ou um antídoto para vários males.

A *fé de cada um* tem a direção, argumento e realização de Neni Glock (diretor brasileiro-paranaense-curitibano radicado em Portugal). Nascido em 1954, trabalhou como repórter de imagem para o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) durante 5 anos. Realizou alguns programas de TV para a RTP. Chegou a Portugal no final de 1990 e realizou vários documentários, entre eles *A fé de cada um*. Também é autor e diretor dos documentários *Rastas e Diferenças*, premiados internacionalmente e muitos outros que se pode assistir no seu canal no Youtube: www.youtube.com/user/neniglock

Em *A fé de cada um* o diretor Neni Glock retrata o que é peregrinação para muitas pessoas que buscam alcançar a “purificação” espiritual e para outras o pagamento de uma promessa, podendo ser as duas coisas ao mesmo tempo também. O diretor entrevista o Padre Mario de Oliveira e o padre dá o depoimento: que tem passado a vida toda num conflito.

O conflito acontece a partir do momento que ele usa o evangelho para confrontar a igreja. O conflito salta sempre, segundo o padre porque ele não acredita que Deus seja um ser que quer o sacrifício das pessoas, mas apenas a fé gratuita, a fé sem troca, a fé sem obrigação segundo o evangelho.

O personagem central do documentário é o padre Mario de Oliveira e os secundários os peregrinos filmados. O filme mostra os peregrinos como pessoas que acreditam realmente que Fátima pode curar a si próprios ou parentes enfermos. Assim como ela pode fazer qualquer milagre, que só depende da fé de cada um para isto.

Em contraposição o padre deixa bem claro no documentário desconfiar que a santa faça alguma coisa apenas porque os peregrinos se sacrificam em nome dela em troca de uma graça. O padre acredita que Deus não é um ser malvado que nos impõe uma obrigação ou uma tarefa árdua. Tão árdua doendo na própria carne e no corpo.

O documentário é em estilo de histórias de peregrinações, com a diferenciação que o padre faz o papel de um “advogado do diabo” – se questionando em todo momento se aquela determinada peregrinação ou a santa Fátima tem um efeito comprovado mesmo de fazer algum milagre na vida de alguém, ou se apenas seja a fé de cada um que transforma tudo.

O padre também contesta a fé cega dos peregrinos, que não conseguem enxergar que o mais importante são suas atitudes boas durante a vida toda, do que finalizar simplesmente uma peregrinação até ao santuário. Que caminhar até Fátima, mas sem sair do lugar dentro de si próprio, não leva a lugar nenhum. Que a transformação é uma evolução constante dentro de cada um de nós e não um roteiro a ser feito e finalizado.

O documentário mostra algumas peregrinadoras mulheres fazendo massagens nos pés, devido a bolhas e feridas adquiridas durante a viagem. Além das massagens elas fazem também curativos em lugares que são casas de pouso e albergues de estrada. Lugares que abriram e se mantêm com o dinheiro dos peregrinadores e se especializaram em receber este público religioso.

O documentário não mostra a peregrinação como um turismo religioso, mas mais como um esforço, um sacrifício, uma prova de resistência. Que o padre questiona se é necessário passar por este calvário para que a Fátima atenda alguém?

Um dos peregrinos no documentário declara que terminando a peregrinação o tempo de reflexão é muito importante. Ele diz que quando ele peregrina sozinho, o que faz geralmente por regra, mas que quando ele está acompanhado que eles mantem uma distância grande um do outro, quase como se peregrinassem sozinhos. Ou seja, ele deixa claro que a peregrinação é um encontro consigo mesmo e apesar de várias pessoas na peregrinação estarem juntas, elas estão isoladas.

A gente entende no contexto geral dos depoimentos do padre que ele tem fé em Deus, mas não que as pessoas cheguem até Deus fazendo a peregrinação, que o caminho é mais longo e não é por passos que se faz. É através da fé de cada um, que não precisa andar a pé para Deus se manifestar ou revelar-se para cada um de nós. Que andando muito as pessoas só vão se cansar e não vão se iluminar ou alcançar uma graça apenas por terem andado. Que para nos iluminarmos ou alcançarmos uma graça, não precisamos ir a nenhum lugar, basta estar em conexão com Deus em qualquer lugar. Que uma imagem não é a santa e segundo o padre Fátima não existe.

O padre vê a peregrinação como uma experiência dolorida e que por ser dolorida não pode ser algo que agrade a Deus. Porque segundo o padre Deus é um ser bom e misericordioso e não um carrasco e ele alega isto usando das

palavras do evangelho. Segundo o padre Fátima é uma farsa, uma mentira, que ela não é Maria, Nossa Senhora. Uma das teses do padre mostrada no documentário é que Fátima não tem nada a haver com Maria – mãe de Jesus.

O padre é polêmico e o documentário tem como essência esta ideia polêmica dele de que Fátima não existe e que nunca existiu. Segundo o padre: “O culto da Senhora de Fátima é uma manifestação de religiosidade obscurantista, medieval e primária, fruto da fabricação montada pelo clero da Igreja de Roma para manter milhares de cidadãos de Portugal num estado de entorpecimento mental e de apatia geral”.

Que a igreja fazendo as pessoas idolatrarem uma imagem de Fátima ou de outro santo qualquer não liberta as pessoas e sim as aprisiona numa ideia de um desenho, de um boneco, de uma estátua.

Ele fala que as pessoas são levadas a acreditar que a cura dos seus problemas se dá no santuário e que nunca isto foi provado e que não há nenhum caso que prove que alguém tenha se curado lá. Segundo o padre personagem central do documentário no santuário: “Nunca ninguém vê, anda, é curado, que nunca acontece nada, que é um clamor no vazio”. Ele acha estranho que apesar disto mês após mês as pessoas se submetem a este ritual que não resulta em nada.

O documentário em contrapartida mostra gente no santuário se rastejando, andando ajoelhado, se esfregando no chão, tendo um enorme sofrimento em busca de uma recompensa ou como prova do seu amor ou fé em Fátima. Uma das peregrinas fala que a Nossa Senhora de Fátima, se chama Fátima porque ela apareceu na cidade de Fátima, mas que, no entanto é Maria, porém o padre nega isto.

O padre fala que no santuário de Fátima nos revivemos o puro paganismo, que as populações se destroem simbolicamente em honra da divindade quando o cristianismo seria completamente o contrário, que a glória de Deus seria que o homem e a mulher, que os seres humanos vivam em abundância e plenitude, portando quando nos passamos pelo sofrimento pelo sofrimento, que isto é uma doença patológica, que é um masoquismo, que segundo o padre não tem a haver com o cristianismo, porque para ele o cristianismo é a luta contra o sofrimento.

Que Fátima é por isto, segundo ele, o anti-evangelho de Jesus Cristo, que é a negação do próprio evangelho. Que Deus não gosta de sacrifícios, de sofrimento, que Deus gosta de fortuna, misericórdia, carinho e de pessoas que se amam.

Segundo o Padre que quando São Paulo diz: “Sem sangue não há redenção” – que ele está a disser uma coisa completamente diferente, no sentido

que o mundo só muda e se transforma se houver homens e mulheres que não tenham medo, que tenham coragem de enfrentar tudo e todos, de enfrentar os poderes. Que é um sangue dos combates e não de punir o corpo.

O padre fala que há duas Fátimas, a de 1917, que foi segundo ele orquestrada por alguém que fazia a catequese das crianças naquele local e que a partir de 1930 às hierarquias da Igreja reconhece as aparições contando uma história a considerar. Que estava nesta época o Salazar já no poder e que o Salazar vinha para patrocinar muito a Igreja. Restituir a Igreja o patrimônio que a república havia tirado, fazer uma concordata com a Igreja. Portanto, segundo o padre: “Se o Salazar aparecesse como um messias que viesse salvar o país que isto iria pegar, diante daquele cenário de caos. Que As Memórias da Irmã Lúcia, são pura manipulação. Que tudo que ela escreve é uma invenção não conhecida por nenhum historiador. Que Fátima, é uma fabricação, uma construção que não tem absolutamente nada de real”.

Segundo o padre quando a multidão está na procissão, que ela está alucinada, completamente fora de si e que não tem nenhuma consciência crítica. O padre fala uma frase impactante no documentário: “Que não há fé sem dignidade humana”. Ele fala que a procissão a Fátima é uma manifestação a nossa vergonha, é o culto puro a alienação. Que Fátima é pura alienação das pessoas ao acenar a um boneco, segundo ele a um boneco morto.

O padre fala que o que acontecerá ao Santuário de Fátima e a sua Basílica, acontecerá certamente o que aconteceu ao grande Templo de Jerusalém, não ficará pedra sobre pedra. A esperança dele que o futuro da humanidade e de Portugal, será um futuro sem a Senhora Fátima. Ele não a chama de Nossa Senhora ou de Virgem Santíssima ou de santa, ele fala Senhora Fátima.

O personagem central de *A fé de cada um* é um padre um tanto progressista e revolucionário para um país conservador como Portugal e para um catolicismo que sofre reformas e mudanças muito gradualmente ao longo da história. O lado mais interessante deste documentário é o diretor mostrando a dicotomia que há entre o que o padre pensa e a realidade do santuário. O padre sem nenhum pudor deixa entendido que aquilo tudo é mantido por causa do comércio que gera e que a cidade de Fátima depende da ignorância das pessoas para sobreviver.

Em contraposição a opinião radical do padre, muitos fiéis dão depoimentos que se curaram ou alguém da família e muitos vão ao santuário não apenas para pedir, mas para agradecer. Uma senhora fala que seu filho teve um grande acidente, que esteve entre a vida e a morte num acidente ligado a máquinas e depois ela fala que a fé é que nos salva e que ela foi a Fátima, fez sua promessa e ele se salvou e que ela ia agradecer.

Então ao ver o documentário a gente fica em dúvida se os milagres de Fátima ocorrem de fato ou não. Ficamos entre a cruz e a espada. Entre o ceticismo do padre e *A fé de cada um* que contradiz tudo o que ele diz. Mesmo quando o povo não fala, as suas atitudes filmadas nos revelam que estão lá passando por todo aquele calvário porque acreditam em milagres e muitas testemunham no documentário que o parente se curou. Ficamos entre a crença do povo e o racionalismo do padre, porque o documentário não nos esclarece quem está certo, como a maioria dos documentários, ele nos deixa pensando e refletindo sobre algo sem ter a resposta final.

Talvez uma das características mais marcantes dos documentários religiosos é exatamente nos deixar em dúvida. Afinal, só podemos testemunhar se Deus realmente existe ou qualquer santo ou milagre, se a gente morrer para constatar, mas como mortos não voltam para contar, toda religião se mantém a base sempre dos mistérios da vida, com a pergunta sempre: – De onde viemos e para onde vamos e porque aqui estamos? Resumidamente: Qual é a finalidade da vida. Os documentários religiosos se sustentam das perguntas sem respostas.

A grande riqueza do documentário *A fé de cada um* é que ele não foi concebido para enaltecer nenhuma religião, divulgar uma crença ou culto ou ser teológico. Ele é isento de religiosidade, no sentido de ser usado para que alguém creia em algo. Muito pelo contrário, ele nos desafia a pensar se tudo aquilo é uma manipulação, uma farsa ou não?

Ficamos em dúvida se ficamos do lado do padre ou do lado dos testemunhos dos fiéis que falam que pediram a Nossa Senhora de Fátima uma graça e alcançaram. Como todo documentário ele tem o contraponto e oposição de ideias em relação a algo.

Como a fala do padre toma bom espaço do documentário e vai e volta paralelamente às imagens do santuário, da peregrinação e dos depoimentos dos fiéis. Percebemos que a intencionalidade do diretor foi criar a dúvida, quebrar tabus e ao fazer um documentário que o diretor dá voz ao padre para desconstruir uma fé cega e faz uma narrativa que pode até não ser propícia para a desconstrução da fé, mas pelo menos para a dúvida é, não podemos classificar nem este documentário e quase nenhum documentário de não ter a interpretação da realidade pelo olhar do diretor e talvez de mostrar que quase nenhum documentário é isento de uma preferência ou de questionamentos.

Vemos que no documentário *A fé de cada um*, o diretor nos quer fazer ouvir a opinião do padre superiormente a dos fiéis, não porque o padre seja o personagem central, mas porque o documentário é voltado a escutar o padre que domina mais as cenas e as falas que as outras pessoas que não constroem

a narrativa diretamente. O ponto de vista do padre é o assunto principal do documentário, onde os outros elementos narrativos fazem suporte ao seu ponto de vista ou servem para ilustrar aquilo que o padre chama de ignorância.

Geralmente os documentários religiosos e a maioria dos documentários em si, sejam religiosos ou não, acabam sendo tendenciosos e não imparciais, porque são construídos por um diretor que tem sempre uma intencionalidade em relação à crença ou descrença de algo.

Difícilmente vemos um documentário religioso que seja isento de tomada de lado, não só nos religiosos, mas como na maioria deles, mesmo que isto não esteja explicitamente demonstrado. Quando montamos o documentário já o colocamos na ordem que queremos que as pessoas o leiam e mais do que isto na ordem do ponto de vista do diretor.

Agora o documentário *A fé de cada um* é um documentário que pode ser aplicado para questionar mitos católicos no mundo inteiro e não apenas em Fátima. Similar a Fátima temos a Nossa Senhora da Aparecida no Brasil, que a cidade de Aparecida vive da fé dos fiéis e que todo o sistema de manutenção da fé é similar ao de Fátima. Cenas que vemos no filme *A fé de cada um* se repetem em vários pontos de peregrinação no mundo e não apenas na cidade ou no santuário de Fátima.

O documentário *A fé de cada um* é um documentário universal, no sentido que em vários lugares do mundo tem gente de fé subindo as escadas de alguma igreja de joelhos e demonstrando sua fé de forma com maior ou menor intensidade. Alguns até jejuando e se punindo de uma maneira ou de outra. O padre em *A fé de cada um* não desconstrói apenas o mito e a lenda de Fátima, ele desconstrói toda uma tradição e uma narrativa católica de que para alcançarmos a purificação precisamos passar pelo sacrifício.

Começando pela própria história de Jesus Cristo que morreu na cruz para nos salvar. A opinião do personagem do padre está na contramão dos pilares que sustentaram e sustentam a Igreja Católica até hoje e não apenas a fé.

O padre faz uma leitura do evangelho da sua maneira, de uma forma positiva e humana que não é a forma como a Igreja católica evangelizou no mundo inteiro. Quando por exemplo, nos confessamos na Igreja católica o padre nos dá uma penitência para nos livrar dos nossos pecados, estamos sendo sentenciados de alguma maneira. Como uma troca de uma coisa por outra. Então o documentário de Neni Glock vai além de Fátima, ele serve para colocar em xeque mate a leitura manipulada do evangelho, da bíblia e das lendas católicas e questionar toda a narrativa católica e de muitas religiões destiladas dela, mas também respeita a fé dos fiéis e dá espaço a eles se contraporem ao ceticismo do padre.

Conclusão

O cinema e o cinema documentário também tem o gênero religioso e nas suas obras Deus continua a se revelar aos homens, sendo contestado ou não, quando não Deus, algum aspecto religioso, culto ou santidade. O documentário retrata o cotidiano humano através do ponto de vista do diretor.

O documentário religioso também em síntese vai transparecer o pensamento do diretor e sua intencionalidade, mesmo que ele tente se ausentar no filme em si. O modo como o diretor conduz o documentário desde os cortes, a edição, a sonorização, a fotografia e os depoimentos vão demonstrar para que lado ele mais venha a concordar ou não. Em *A fé de cada um* do diretor Neni Glock a versão do padre sobre Fátima tem destaque.

O Padre Mario de Oliveira é contestador de algumas “verdades” que a Igreja Católica apregoa. Sua forma de pensar é muito similar ao movimento da teologia da libertação. Movimento nascido na América Latina que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo para que o homem se liberte das injustiças sociais e que tenha a fé como instrumento de transformação e não de subordinação.

O religioso, o místico, o transcendente sempre foram elementos fascinantes para os roteiros cinematográficos de ficção ou não ficção. O público mantém com a obra cinematográfica um relacionamento simbólico e nas buscas por respostas para o sentido da própria existência, o religioso se torna tema bom para documentários.

A dúvida que o homem alimenta em relação de onde ele veio e para onde ele vai, constrói um imaginário a ser explorado em diversas artes, inclusive o cinema. A própria arte é um mistério, quando nos perguntamos: De onde vem inspiração para criar ou de onde vem o dom para uma habilidade?

Então o místico, o secreto, o misterioso, o religioso sempre foram matérias primas para o cinema, porque os próprios cineastas são artistas sem respostas para muitas suposições. No documentário nós temos um objeto de observação, que pode ser qualquer fenômeno e nós investigamos as várias suposições a favor e contrárias sobre um assunto. É tipo assim: Deus existe ou não? Quem é contra e a favor?

Uma história pode ser contada através de várias versões, o documentarista sempre escolha uma ou mais versões em que ele se identifica. No caso de *A fé de cada um*, fica claro que o diretor se identifica com a versão do padre, mesmo escutando os fiéis.

Podemos afirmar que o filme religioso ou documentário se faz presente através de duas categorias: os filmes que tratam explicitamente de temas bíblicos ou religiosos; e os que tratam de forma implícita e figurativa.

Os filmes documentários baseados em textos sagrados ou religiosos, ou de temas relacionados com mistérios, misticismo, espiritualidade e dúvidas em relação a doutrinas sejam estes filmes fictícios ou não, continuam sendo portadores de uma “realidade” retratada à qual pertencem as seitas como instituição, seus representantes oficiais e também seus fiéis.

As experiências e vivências das pessoas com suas religiões como também com a fé se torna matéria prima para produções cinematográficas, pois todos querem se abastecer de algo curioso, de divindades que nos instigam a provar ou desconfiar de seus poderes.

Alguns filmes religiosos citados no livro *Descobrendo o Religioso no Cinema* do autor Roberto Francisco Daniel mostram que o cinema ficção sem ser documentário, também desconfia da fé e dos poderes sagrados, são os casos dos filmes *Roma citta aperta* (1945), de Roberto Rossellini; *O pagador de promessas* (1962), de Anselmo Duarte e *Priest* (1995), de Antonio Bird e tantos outros.

No documentário *A fé de cada um* a imagem do fogo simboliza que as pessoas que passam por sacrifícios estão mais próximas do inferno do que do céu, do diabo do que de Deus. Símbolos universais como água, pomba branca, fogo, cruz, anjo, etc... São usados conforme o contexto que eles são apresentados.

Os símbolos podem não serem necessariamente religiosos, mas no contexto que são aplicados designam valores religiosos, como uma árvore relacionada à árvore da vida, se fosse num filme sem cunho religioso, seria uma árvore sem esta ligação, podendo ter outras ligações e sentidos.

Dentro da abordagem religiosa estão àqueles documentários também que apresentam os conflitos morais, procurando provocar debates sobre pontos de vista diferentes sobre o mesmo tema, como ser a favor ou contra o aborto, quando se discute de maneira moralista alguma coisa, e a julgando com valores entre o que é bom e o que é ruim tendo parâmetros religiosos, como por exemplo: que a vida é um dom de Deus e sobre que todos nós temos alma desde a concepção.

Enfim, os documentários religiosos não necessariamente precisam falar explicitamente e diretamente sobre religião, basta que eles nos seus conteúdos tenham um embrião religioso explicitamente ou implicitamente.

A fé de cada um é um documentário religioso que não fala em si da vida de Fátima, nem da cidade de Nazaré, tão pouco dos fiéis em si, mas sua preocupação central é fazer uma contraposição entre as ideias do padre contestador com os depoimentos dos fiéis que afirmam terem sido agraciados com milagres. Não é um documentário que enaltece a fé de cada um em si, mas um

documentário que respeita a opinião de cada um, não deixando de ser polêmico por escutar o padre que desconstrói a imagem da santa, que é idolatrada por muitos.

O padre quando contesta seus valores milagrosos e inclusive sua existência e santidade é que faz o documentário ser interessante, saindo do lugar comum de apenas mostrar fiéis com suas versões religiosas.

Todo documentário religioso é um pouco também antropológico, pois eles retratam a conexão do ser humano com a fé, com os mistérios da vida e com as religiões. Todo documentário seja religioso ou não retrata o ser humano nas suas várias dimensões escatológicas.

Temos tantas linhas teológicas pelo mundo, como teologia do cotidiano, da libertação, da esperança, da família. Porque não falarmos da teologia do cinema e do documentário também?

O cinema documentário religioso pode ser até cético como é *A fé de cada um* é, à medida que desconfia de tudo, à medida que duvida dos milagres, à medida que foge dos padrões por ser um documentário que não aceita cegamente uma crença ou fé sem contestá-la. Podemos falar que o documentário *A fé de cada um* é um documentário que não endeusa nada e que prega que o evangelho pode ter sido deturpado para alimentar uma fé cega dos fiéis, mas ele não se posiciona, apenas dá voz às opiniões contrárias.

O documentário *A fé de cada um* mostra que a Igreja alimenta valores antiquados como que nos temos salvação através da punição e a dor ou que através do sofrimento nos recebemos recompensas ou milagres através dos depoimentos do padre. O padre mostra o quanto longe nós estamos do evangelho quando a nossa fé tem que ser provada com sacrifício e como a religião manipula fatos e histórias em seu próprio benefício.

Referências bibliográficas

Daniel, R. F. (1999). *Descobrindo o religioso no cinema. Pequeno método para a análise teológica do filme*. Bauru, Brasil: EDUSC.

Filmografia

A fé de cada um (2004), de Neni Glock.